

ESTADOS UNIDOS

ICE começa a retirada

Agentes da força de choque começam a deixar Minneapolis, após dias de protestos contra o assassinato de civis com cidadania norte-americana. Trump busca acalmar a crise, de olho em impactos na eleição legislativa de novembro

» SILVIO QUEIROZ

O contingente da força de choque antimigração ICE enviada a Minneapolis, e envolvida na morte a tiros de dois civis com cidadania norte-americana plena, no intervalo de duas semanas, começou ontem a deixar a cidade, segundo determinação do presidente Donald Trump. Impressionado com a reação em massa, em particular desde o assassinato do enfermeiro intensivista Alex Pretti, no sábado, Trump começou a semana tirando de cena o comandante da Patrulha de Fronteira, Gregory Bovino, que respondia pelas operações e acusava a vítima de querer promover "um massacre" contra os agentes federais.

Sob o fogo cruzado das pressões da oposição democrata e de uma maré montante de críticas no próprio Partido Republicano, o presidente enviou o "czar das fronteiras", Tom Homan, para coordenar uma aproximação com as autoridades locais. Ontem, ele se reuniu com o governador de Minnesota, Tim Walz, que na véspera havia conversado por telefone com Trump. Embora tenha deslocado Bovino, alvo central da fúria dos manifestantes, Trump descartou ideia de demiti-lo. Mais ainda, rebaixou pedidos dos democratas pela demissão da secretária de Segurança Interna, Kristi Noem — que, fez questão de frisar, "está realizando um ótimo trabalho". O ICE está subordinado à pasta chefiada por ela.

Como parte da mudança de tom ensaiada desde segunda-feira, o presidente voltou ontem a lamentar a morte de cidadãos norte-americanos. Referiu-se ao caso de Alex Pretti como "muito triste", refutou a classificação da vítima como "assassino" ou "terrorista", mas frisou que "você não pode portar armas, não pode andar por aí com armas". Pretti, 37 anos, tinha porte de armas e, segundo relatos contraditórios, estaria



Manifestantes exigem a partida dos agentes federais de Minnesota, diante do Congresso estadual: turbulência preocupa os republicanos

com uma na manifestação de sábado. Mas, ao contrário do alegado pelos agentes do ICE, imagens do incidente que resultou no assassinato mostram que ele tinha nas mãos um telefone celular, com o qual filmava a operação repressiva.

Oposição

Foi o prefeito de Minneapolis, o também democrata Jacob Frey, que anunciou, pela rede social X, que "alguns agentes federais" deixariam a cidade. Ele não citou números, mas garantiu que continuaria pressionando até que "o restante dos envolvidos

nessa operação vá embora". Frey também conversou por telefone com Trump, na segunda-feira, e afirmou ter ouvido um reconhecimento do fracasso da operação: "O presidente concordou que essa situação não pode continuar".

O antecessor imediato de Trump na Casa Branca, o democrata Joe Biden, rompeu o tradicional silêncio dos ex-presidentes sobre o trabalho dos sucessores para condenar a repressão brutal aos imigrantes e aos que os apoiam. "O que ocorreu em Minneapolis trai nossos valores mais fundamentais: não somos uma nação que mata a tiros seus cidadãos

na rua", publicou nas redes sociais. No terreno mais efetivo, a minoria de oposição na Câmara ameaça trancar a pauta de votações caso a secretaria de Segurança Interna permaneça no cargo. Caso levada às últimas consequências, a obstrução pode provocar um novo fechamento operacional do governo federal a partir de sexta-feira.

Base abalada

Mais preocupante para o presidente, porém, é a perspectiva, em prazo mais longo, de administrar uma crise com a base governista no Congresso, em um ano no qual serão

renovados, em novembro, um terço do Senado e toda a Câmara dos Deputados. Um primeiro impacto eleitoral foi sentido em Minnesota. Chris Madel, um dos advogados que assessoraram o agente do ICE envolvido na morte de Renee Good, a civil baleada no início do mês, desistiu de disputar as prévias do Partido Republicano para a disputa pelo governo de Minnesota. "Não posso apoiar as represálias lançadas por republicanos, em nível nacional, contra os cidadãos do nosso estado, nem posso me considerar membro de um partido que faria isso", afirmou o jurista, conhecido por defender as forças de segurança.



Não somos uma nação que mata a tiros seus cidadãos na rua"

Joe Biden,
ex-presidente dos EUA

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, avalia que é cedo, ainda, para determinar o peso da crise em torno da imigração na definição dos eleitores. A votação de "meio mandato", como é conhecida nos EUA, costuma colocar em risco a eventual maioria mantida por um presidente no Congresso — como é hoje o caso de Trump, em especial no que diz respeito à Câmara. "Ele e sua equipe de campanha permanente são muito bons em desviar o foco dos problemas", lembra. "Veja que não se está mais falando do caso Epstein", completou, em referência ao escândalo de pedofilia que respinga no presidente e em outras personalidades políticas. "Mas ele vai ter de se equilibrar muito entre diminuir a repressão, que pode levar a mais mortes, e mantê-la, o que é fundamental para mobilizar sua base."

O cálculo eleitoral é um dos fatores que levam os estudiosos a duvidar que Trump possa adotar alguma medida mais drástica contra a agência antimigração. "Não acho que o ICE vá ser extinto, ele é o símbolo dessa campanha (contra os estrangeiros em situação irregular)", pondera Rudzit. "Isso seria péssimo para Trump, e mudar para outra sigla não é da tradição nos EUA." Rudzit considera mais possível que a conta seja "paga" por Bovino, pelo "czar das fronteiras" ou mesmo pela secretaria de Segurança Interna. "A tradição (do presidente) é dizer que outros são culpados, não ele."

Brendan SMIALOWSKI / AFP



Um manto de gelo cobre o Pentágono e o rio Potomac, em Washington

Nevasca provoca emergência nacional

Ao menos 20 estados norte-americanos e a capital federal, Washington, avançam pela semana em estado de emergência para enfrentar a onda de frio mais rigorosa dos últimos 30 anos, com as regiões mais ao norte, na fronteira com o Canadá, registrando sensação térmica de até -45°C. Um balanço parcial contabilizava 30 mortes, entre vítimas de hipotermia ou de acidentes aéreos e de trânsito — inclusive com trens e remoedores de neve. O site especializado powerroutage.us relatava na manhã de ontem mais de 530 mil endereços

sem eletricidade, principalmente no sul do país.

As nevascas deixaram estradas intransitáveis e têm provocado o cancelamento de viagens de ônibus e trens desde o fim de semana. Os principais aeroportos, incluindo os de Washington, Filadélfia e Nova York, ficaram praticamente paralisados. Pelo menos 22 mil voos foram cancelados e milhares sofreram atrasos.

Considerada uma das piores tempestades de inverno das últimas décadas nos EUA, o fenômeno vem acompanhado de um

acúmulo inusitado de gelo, com consequências potencialmente catastróficas, segundo o Serviço Meteorológico Nacional (NWS). Algumas das principais cidades do país exibem a paisagem completamente coberta pela neve. Na área de Washington, imagens aéreas mostram um manto branco cobrindo marcos tradicionais, como o Rio Potomac e o Pentágono, como é chamado o complexo de edifícios do Departamento de Defesa.

A especialista do NWS Allison Santorelli disse à agência de notícias France-Presse que a recuperação tem sido difícil devido ao grande número de estados afetados. Os do norte, mais preparados para o inverno, não puderam compartilhar recursos com regiões menos afeitas a invernos tão rigorosos.

As nevascas estão relacionadas a uma deformação do vórtice polar, massa de ar que habitualmente circula acima do polo norte, mas que se deslocou para o sul. Os cientistas consideram que o aumento das perturbações no vórtice polar pode estar relacionado com as mudanças climáticas.

TENSÕES GLOBAIS

Cientistas "apressam" contagem do fim do mundo

Os ponteiros do Relógio do Juízo Final foram adiantados em mais quatro segundos pelo painel de pesquisadores que criou o instrumento, em plena Guerra Fria, para alertar o mundo sobre os perigos associados à rivalidade entre as superpotências nucleares, em particular a corrida armamentista. Desde ontem, o mostrador analógico exposto na Universidade de Chicago marca 85 segundos para a meia-noite — o horário simbólico para o "fim do mundo". À preocupação com a proliferação dos artefatos atômicos, somam-se atualmente os impactos do aquecimento global e da desinformação.

"Acordos globais arduamente conquistados estão ruindo, acelerando uma disputa de poder em larga escala, na qual o vencedor leva tudo, e minando a cooperação internacional, que é essencial

para reduzir os riscos de guerra nuclear, das mudanças climáticas, do uso indevido de biotecnologias, além da ameaça potencial da inteligência artificial e de outros perigos apocalípticos", diz o comunicado em que o Boletim dos Cientistas Atômicos anuncia a atualização.

Um ano atrás, sob o impacto da posse de Donald Trump para um novo quadriênio na Casa Branca, a organização antecipava a tendência a um acirramento das tensões internacionais. Na ocasião, porém, optou por uma advertência mais cautelosa e avançou os ponteiros em apenas um segundo, em relação a 2024. Agora, o comitê responsável pelo relógio leva em consideração que, na próxima semana, expira o último tratado de redução de armas nucleares estratégicas firmado entre EUA e Rússia. O



O Relógio do Juízo Final em janeiro de 2025: agora, quatro segundos mais "tarde"

Desinformação

"Estamos vivendo um Armagedom da informação, a crise subjacente a todas as crises, alimentada por uma tecnologia predatória que espalha mentiras mais rápido do que fatos, e se beneficia de nossas divisões", declarou Maria Ressa, jornalista investigativa filipina e ganhadora do Nobel da Paz de 2021. O Boletim dos Cientistas Atômicos foi fundado em 1947 pelos físicos Albert Einstein e Robert Oppenheimer, com outros cientistas nucleares da Universidade de Chicago. Inicialmente, o grupo acertou o Relógio do Juízo Final em sete minutos para a meia-noite.